

O 1.º de dezembro

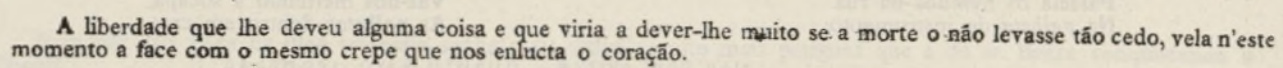


RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Em quanto cá na metropole
O paiz n'este momento
Passeia os hymnos na rua
Na palheta do instrumento,

Nas possessões de ultramar
O esperto senhor de Brazza
Vae-nos mettendo á socapa
As palhetas dentro em casa...

NÃO PODE APITAR— QUANTO MAIS ASSOPRAR!



A victoria das instituições

Cubram-se de crepe as bandeiras republicanas: vistam-se de luto os partidários do governo do povo pelo povo. Desabou uma grande calamidade sobre os batalhadores pertinazes que ha annos luctam pela victoria das ideias mais avançadas: — venceu Manuel de Arriaga na Madeira!

São os jornaes da situação politica actual e defensores strenuos das instituições que felizmente nos regem, que apregoam o triumpho governamental na Madeira. Não receiem da entrada dos republicanos no parlamento, diz um d'elles: «as instituições monarchicas lucram com isso. Dizemos isto profundamente convencidos.»

Rebollo pae, legando a Rebollo filho na hora extrema os conselhos da sua experiencia e lume no olho, não seria mais profundo, mais logico e mais *alho* do que são algumas folhas ministeriaes.

Bertholdo, que não se enforcava por não encontrar arvore que lhe servisse, era um reles matuto a par da finura do jornal que encontrou na eleição republicana da Madeira e nas outras da mesma feição que se lhe seguiram a taboia de salvação em que as instituições vigentes hão de passar aos seculos futuros.

Apesar de nos parecer que estas coisas se escrevem para uso de sr. D. Luiz I, como quem faz bonecas de trapo para entreter creanças, atrevemo-nos a duvidar de que o mesmo augusto senhor leia pela cartilha dos jornaes ministeriaes. Como as scenas estão mudadas a ponto de que os jornaes do governo e da monarchia sustentam que as eleições republicanas são a melhor gelea para robustecer as instituições, nós temos o direito, em troca, de defender o sr. D. Luiz I da suspeita de ter a cabeça no mesmo estado da do maluquinho de Arroios, se acreditasse nas cantatas com que pretendem aquietar-lhe o somno sobresaltado pela eleição do Funchal.

Sua Magestade que toca flauta, traduz Shakspeare, applaude o Othello, faz caricaturas, e lê a *Revista dos Dois Mundos*, não acredita de certo que no dia em que tiver a camara dos deputados cheia de republicanos, as instituições que o sr. D. Luiz representa estejam mais solidas do que nunca.

Seria necessario que tivesse perdido completamente as mais leves noções de bom senso. Que lhe attribuem tanta ingenuidade é um crime de lesa magestade, que nós mesmos não nos atreveríamos a commetter.

Sua Magestade bem vê a azafama do Funchal; foi com o seu proprio consentimento que partiu para lá um governador civil á altura das circumstancias e um navio prompto para esmagar a hydra insular. Depois d'isto vê regressar o dito governador civil com a cara do general Bum da Crâ-duqueza, e o sabre transformado em saca-rolhas, trazendo em vez de um deputado monarchico um dos mais ardentes e entusiastas defensores das ideias republicanas, e ainda querem que o sr. D. Luiz mande um casal de perus ao sr. Fontes! Só se querem tambem que vá deixar um bilhete de visita ao sr. Arriaga, com o mesmo praser com que nós o faremos.

Ao menos a eleição do Funchal tem a vantagem de contentar toda a gente, o que é caso unico em Portugal. Os republicanos pulam de jubilo, os granjolas repibilam de vingança, os regeneradores saltam de contentamento e até, conforme dizem, o proprio rei dá cambalhotas de alegria. Desconfiamos de que n'este caso o ultimo que rio não foi o que ficou mais contente.

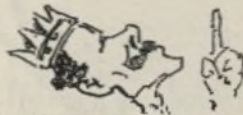
Quando o primeiro ministro de Phylippe III, annunciou áquelle monarcha a revolução de 1840, para lhe doirar a pilula disse-lhe com ár alegre: — Dou os parabens a Vossa Magestade, porque acaba de ganhar os bens do rebelde duque de Bragança. Naturalmente o sr. Fontes, para doirar a pilula ao sr. D. Luiz, disse-lhe pouco mais ou menos: — Dou os parabens a Vossa Magestade, porque estamos livres do Arriaga a prégar na rua, visto que o temos engaiolado na camara.

Philippe III poz o seu ministro no meio da rua. Nós suspiramos porque o sr. D. Luiz não faça o mesmo ao sr. Fontes, porque ainda precisamos de mais alguns republicanos na camara.

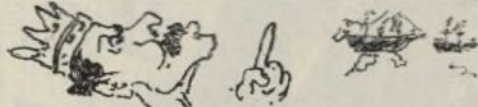
Caras do Fontes durante a eleição do Funchal



1.ª Cara com que deu ordem para se não guerrear a eleição do Braamcamp a fim de manter o equilibrio das instituições.



2.ª Cara com que o Fontes mandou guerrear a eleição do Braamcamp para manter o equilibrio das instituições.



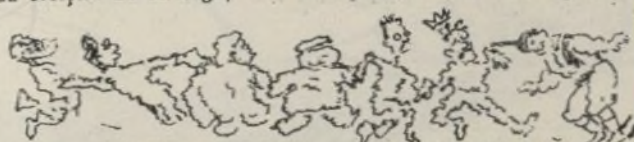
3.ª Cara com que o Fontes mandou exterminar os republicanos do Funchal para equilibrio das instituições.



4.ª Cara com que o Fontes recebeu a noticia da eleição do Funchal, para o equilibrio das instituições.



5.ª Cara com que o Fontes communica ao rei a noticia da eleição do Arriaga, sem disequilibrio das instituições.



CHOQUE ELECTRICO NAS INSTITUIÇÕES

Pois então como é seu geito?!

Queixam-se muitos que o Fontes
Com tributos nos arraza:
Não vêem, seus brutamontes,
Que é senhorio da casa!...

Pois se um predio, reles prenda.
Cada vez dá maior ganho,
Não ha de augmentar a renda
Quem tem um predio tamanho?...

De certo — e mostra os seus brios.
Cuidando nos seus arranjos:
Ou bem somos senhorios,
Ou estudámos para anjos.

Quando lhe saltam á perna
O *inquilino* faz berrata: ...
Mas quando a carta governa
E' sempre livre a chorata.

Não é caso de censura;
— Assim é que é o seu geito:
O Fontes tem-se mostrado
Um senhorio de preceito.

E demais — seria raro
Assumpto para cantatas
Ver um senhorio *caro*
Alugar casas baratas.



ELEIÇÃO DO FUNCHAL

Uma lição d'independencia



Zé Povinho de cá: vê o que é o Zé Povinho de lá e... envergonha-te.

CASOS DA SEMANA

Uma decepção

Chegam noticias da Madeira, confirmando a victoria eleitoral do candidato republicano por aquelle circulo, o dr. Manuel d'Arriaga.

Jove Magnifico, ao saber do caso, caiu das nuvens — em estylo figurado, que elle não é pessoa que desabe assim do seu Olympe de papelão...

— Ó céus! estrugiu elle; pois após tantas medidas acertadas, verdadeiras medidas de capacidade, ousa o Funchal cuspir-me fóra das medidas?!

E Jove tinha razão.

Elle podia esperar tudo:

Que nevasse em agosto.

Que lhe nascesse outra denteição.

Que lhe faltasse uma velha quando, á boquinha da noite, faz a contagem...

Mas que falhasse a eleição da Madeira!!! Isso é que nunca lhe atravessára a pevide d'aquella abobora menina, onde elle sustenta a sua corôa de bicos...

Elle soubera ha muito das pretensões republicanas, mas sorri-se: sorri-se com aquella reserva diplomática, de quem não quer mostrar os dentes ao parceiro... Sorri-se e murmurára vaidoso:

— Pois sim, cansem-se... Deputado republicano pela Madeira... esperem lá por essa... A Madeira, uma terra aristocrática das pontinhas, que tanto monta dizer regeneradora dos quatro costados... não fallem a mais ninguém... E dormira socegado a raposeira innocente dos principes bemaventurados, depois de presentear, com a candidatura vaga, um antagonista desditoso, que esmolava um assento de palhinha na tripa da representação nacional.

Mas um dia veio-lhe a noticia de que a coisa estava torcida; a eleição empatára-se, e a insignificancia republicana respigara muito á larga nas cearas regeneradoras.

— Diabo! pensou Jove; é preciso uma medida e uma medida enérgica... Os senhores madeirenses querem deitar os bracinhos de fóra? Pois esperem, que eu já os arranjo... Vou-lhes mandar o Pimpão; só um vaso de guerra, só um grande vaso de guerra pôde salvar a situação...

Mas alguém lhe observou, que o vaso em questão só chegaria ao seu destino para o tempo das eleições da geração vindoura, e D. Magnifico concordando, resolveu mandar um vaso mais pequeno — um vaso de mangerico.

Foi o vaso, a eleição fez-se e o candidato monarchico levou com a taboa no sitio que pretendia pôr em contacto com a palhinha a que acima nos referimos...

Imaginem o desespero olympico d'aquella alminha... Desespero pelo extraordinario da surpresa, simplesmente; quanto á importancia politica, o facto em si não encerra nenhuma: apresentar-se um deputado republicano por uma terra onde o partido monarchico tem os seus arraiaes mais accentuados, não vale uma pitada de tabaco — diz elle.

Nós damos os parabéns á Madeira; conheciamol-a pela terra do bom vinho; — ficamol-a conhecendo pela terra do bom senso.

PAN.

Decididamente, as nossas cadeias não têm outra utilidade além de evitar que entre para lá alguém sem pagar a sisa do furto d'um relógio ou de uma facadinha na pessoa do proximo. Sair é a coisa mais facil d'este mundo e sem dependencia de furto nem de facadinha. Até hoje porém, os fugitivos contentavam-se em sair sósinhos, como o Camara; mas uma illustre dama, recentemente evadida da cadeia de uma das ilhas aperfeçoou o systema até então adoptado, fugindo em companhia da sentinella.

E' um melhoramento que não podemos deixar de louvar, sobretudo se se fôr ampliando e os presos passarem a fugir levando comsigo a cadeia, o juiz, o escrivão, o fiel de feitos e o delegado Bazorrinho.



—Veja vossa magestade o que é tirar um dente sem dor.
— Na tua bocca — Patérecu.



Então não me empalma a eleição e o cavaquinho!!!

THEATRO DE S. CARLOS



A INVICTA CIDADE DO PORTO DECLAROU QUE SE NÃO OUVISSE GAYARRE E PASQUA PASSARIA PARA A OPÇÃO

OS FREITAS BRITO LEVA AO PORTO OS GRANDES CANTORES PARA GANHAR A ELEIÇÃO COM A FAVORITA.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

MAZELLA

O estado da questão



Pra aqui é que é o caminho.